

# A RELAÇÃO INTERPESSOAL E A COOPERAÇÃO ENTRE OS ANÕES E O HOBBIT EM TOLKIEN (1937)

## INTERPERSONAL RELATIONSHIP AND COOPERATION BETWEEN THE DWARVES AND THE HOBBIT IN TOLKIEN'S BOOK (1937)

Suzana Schuquel de Moura **1**  
Rosemari Lorenz Martins **2**  
Edilaine Vieira Lopes **3**

**Resumo:** Este ensaio tem como objetivo analisar a cooperação entre as personagens clássicas da obra "O Hobbit", de Tolkien (1937). Apresenta-se a descrição de Bilbo, desde o momento em que sai de casa e vai ao encontro dos novos companheiros anões, até o final da jornada. Observa-se que, no decorrer da aventura, por meio dos desafios enfrentados, a relação entre eles passou de desconfiança e descrença para afeição e respeito, na medida em que enfrentavam os obstáculos e cooperavam uns com os outros. Isso fortalece os laços entre os distintos, mas complementares, universos, com base no constructo pessoal abordado por George Kelly (1955), Olsen (2012) e conforme Friedman e Schustack (2004).

**Palavras-chave:** Alteridade. Literatura Fantástica. Respeito às Diferenças.

**Abstract:** This essay aims at analyzing the cooperation among the classical characters of the book "The Hobbit" by Tolkien (1937). A depiction of Bilbo is presented, from the moment he steps out of home and meets his new companions, the dwarves, until the end of the journey. It is observed, throughout the adventure, through the challenges presented before them, that their relationship of mistrust and disbelief changes into one of affection and respect, as they tackled the obstacles and cooperated. These difficulties strengthened the ties among the distinct but complementary universes, based on the personal construct theory addressed by George Kelly (1955), according to Friedman and Schustack (2004), and Olsen (2012).

**Keywords:** Alterity. Fantastic Literature. Respect the Disparities.

- 
- 1** Graduada em Letras Português/Inglês (Universidade Feevale), 2020/1. Autora de "O Mundo Interior de Bilbo Baggins (Nea edições acadêmicas 13/07/2021). Aluna de aperfeiçoamento científico em Letras Português/Inglês (Universidade Feevale), 2021/1, em andamento. Pós graduação em Mentoria Docente (Universidade Feevale/Instituto Tampere (Finlândia), (Discente e tradutora) 2021/2 - .  
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0650450945977940>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3630-5928>. E-mail: [ssmtraducoes@gmail.com](mailto:ssmtraducoes@gmail.com)
  - 2** Graduada em Letras- Português/Alemão (1993), Especialista em Linguística do Texto (1996) e Mestre em Ciências da Comunicação (1999) pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos e Doutora em Letras pela PUCRS (2013). Professora do Mestrado Profissional em Letras e do Programa em Diversidade Cultural e Inclusão Social e do curso de Letras (Universidade Feevale). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4951548133959060>.  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0658-5508>, E-mail: [rosel@feevale.br](mailto:rosel@feevale.br)
  - 3** Professora e Pesquisadora. Licenciada em Letras, Especialista em Educação à Distância, Mestre em Educação, Doutora em Letras e Pós-Doutora em Indústria Criativa Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7385721779493141>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0786-0911>.  
E-mail: [edilaine.nh@gmail.com](mailto:edilaine.nh@gmail.com)

## Introdução

Apresenta-se aqui a evolução da relação interpessoal entre os anões e o hobbit Bilbo Baggins, personagens distintos, mas complementares, da obra de Tolkien (1937). Entende-se que a cooperação, ao longo da jornada, fortaleceu a amizade entre eles e modificou a forma como um enxergava o outro. A relação era limitada e preconceituosa, mas passou a ser de respeito e afeto entre os integrantes da aventura. Gandalf acompanhou Bilbo na inesperada e épica história, unindo-o aos demais aventureiros.

Sem mais delongas, vamos então ao início de tudo, mas não se espante se, assim como Bilbo, você se perceber inconscientemente envolvido(a) com essa incrível narrativa. É claro que, para chegar ao momento da cooperação, dos laços estabelecidos entre os anões e o hobbit, faz-se necessário contar um pouco da jornada do Sr. Baggins até aqui, é o que faremos a seguir, vamos a ele!

## Vamos conhecer um pouco sobre Bilbo Baggins!

Para Bilbo Baggins, o condado era perfeito, sua rotina era resumida a acordar, fazer seu desjejum, sentar em frente a sua casa e fazer belos anéis de fumaça, enquanto contemplava a natureza. Sua toca era bem abastecida e aconchegante, muito bem organizada também, tinha tudo o que precisava ao seu alcance. Filho único de Beladona Tûk e Bungo Bolseiro, vivia tranquilamente, com a fortuna deixada por seus pais.

Eis que um certo mago cruza seu caminho, em um belo dia de sol, e o convida para uma aventura por lugares distantes, Bilbo, é claro, como bom Bolseiro, nega-se, mas acaba convidando Gandalf para ir a sua casa, para tomar um chá. Pois é, acontece que Gandalf não estava sozinho, com ele, um a um, os anões foram batendo à porta do anfitrião. A história que já estava ficando estranha, com a chegada inesperada dos anões, ficou ainda mais sinistra, quando certo anão mencionou certas palavras, como: dragão, tesouro, contrato, ladrão e morte.

O Sr. Baggins entrou em choque, coitado! 13 seres de outro mundo, bagunçando sua toca, falando em batalhas, destruição e roubo. Quanta loucura! O fato é que, instigado por Gandalf, Bilbo decidiu ser o ladrão da trupe, mesmo sem nunca ter roubado e, muito menos, ter cruzado por terras distantes e sombrias, longe de sua tranquila realidade. Lá foi ele.

## Relação interpessoal: cooperação entre anões e hobbit

Desde que colocou os pés para fora do condado, Bilbo passou por vários momentos de tensão. Ele estava um tanto atordoado, afinal de contas, não estava acostumado com tanta aventura e imprevisibilidade, considerando que, até então, nunca tinha precisado utilizar suas habilidades para salvar a si próprio, do mesmo modo como nunca tinha precisado interagir com indivíduos provenientes de um mundo diferente do seu. “Os hobbits do Condado são provincianos que consideram até mesmo outros hobbits - os que vivem do outro lado do rio Brandevin - meio estranhos. Porém, Bilbo aprende a ser cosmopolita ao se tornar confortável entre os anões e os admiráveis elfos” (KNEPP, 2012, p. 53).

Bilbo poderia se sentir deslocado, já que ele era o diferente, o despreparado. Várias vezes, percebemos, por meio das palavras dos anões, que o hobbit está sendo um peso, pois está perdido entre eles, é desajeitado, vive precisando que alguém o salve. Mas é preciso ressaltar que é completamente aceitável a falta de ação de Bilbo, porque ele estava captando e tentando assimilar tudo o que via diante de si, o que corrobora o princípio básico da influente perspectiva de George Kelly (1955) sobre a personalidade. Para esse pesquisador, cada um de nós tenta compreender o mundo e fazemos isso de modo distinto uns dos outros. Pelo fato de George Kelly (1955) concentrar-se nos esforços ativos das pessoas para interpretar ou compreender o mundo e construir suas próprias versões, essa abordagem é (sensatamente) chamada de construtivismo ou teoria do constructo pessoal (FRIEDMAN; SCHUSTACK, 2004, p. 239).

Em muitos dos episódios em que se viu em perigo, Bilbo contou com a ajuda dos anões.

Esses seres, acostumados a grandes aventuras, a viverem em comunidade e a cooperarem com os semelhantes, ganharam um novo integrante, bem diferente deles, diga-se de passagem. Esse relacionamento estava longe de ser perfeito, pois, de um lado havia um hobbit que, pelo que consta, prezava a tranquilidade, convivia com seus semelhantes, mas não dependia de nenhum deles, mas, ao mesmo tempo em que era independente, era conservador; como Tolkien bem nos lembra, na passagem que segue:

Nós somos gente simples e acomodada, e eu não gosto de aventuras. São desagradáveis e desconfortáveis! Fazem com que você se atrase para o jantar! Não consigo imaginar o que as pessoas veem nelas – Disse o Sr. Bolseiro, colocando um polegar atrás do suspensório e soprando outro anel de fumaça ainda maior. (TOLKIEN, 2012, p. 4)

A partir dessa descrição, é possível notar algumas características de Bilbo, o quanto ele era acomodado e prezava a tranquilidade em seu dia a dia, morava sozinho em sua toca em Fundo do Saco, tudo em perfeita ordem e com horário certo para acontecer, nada fora do usual. Aventuras? Queria-as bem longe dele.

Do outro lado, havia um bando de anões acostumados a desbravarem o mundo, a se aventurarem, ligados à natureza, ao ouro e a outras riquezas mundanas, muito mais que Bilbo.

Tivemos de aprender a ganhar nossas vidas da melhor maneira possível por esse mundo afora, muitas vezes tendo de nos rebaixar e fazer o trabalho de ferreiros e até de mineiros de carvão. Mas nunca nos esquecemos de nosso tesouro roubado (...) nós ainda queremos o tesouro de volta, e fazer com que nossas maldições caiam sobre Smaug, se pudermos. (TOLKIEN, 2012, p. 23 – 24)

Pelo que se percebe, os anões estavam dispostos a tudo, até a morrerem em batalha, para reaver o tesouro roubado pelo temido Smaug. Já Bilbo, que entrou na aventura instigado por Gandalf, maravilhado pelas narrativas das aventuras empenhadas pela trupe e curioso pelo que poderia presenciar ao longo do caminho, demonstrava sua inexperiência, sua adesão à aventura com algumas ressalvas e um enfrentamento das adversidades com certo medo, pois, de todos, ele era o mais apegado ao lar, à rotina e à tranquilidade. Ter de deixar esse estilo de vida para trás, já adulto, com meio século de vida, demandou desse pequeno hobbit muita coragem. “Bilbo troca sua inocência por todas as experiências posteriores, mas é um acordo unilateral. Ele não tem como saber quais são os termos com que está concordando antes de fechar o negócio, e não pode desfazê-lo depois de começar” (KRAUS, 2012, p. 249).

Apesar de os anões desconfiarem de Bilbo e pensarem que ele mais atrapalhava do que ajudava e, nos primeiros capítulos, não ter se mostrado um hábil ladrão, o senso de cooperação e comprometimento uns com os outros e para com o Sr. Bolseiro era algo admirável, já que, por mais que reclamassem e resmungassem, um dos anões sempre acabava salvando a pele de Bilbo.

Ele vai ser devorado se não fizermos algo – disse Thorin, pois ouviam-se uivos em toda a volta, chegando cada vez mais perto. – Dori – chamou, pois Dori estava mais embaixo, na árvore mais fácil – seja rápido e ajude o Sr. Bolseiro a subir! (...) Dori era realmente um sujeito decente, apesar de resmungão. O pobre Bilbo não conseguia alcançar sua mão mesmo depois que ele desceu até o galho mais baixo e esticou o braço o máximo possível. Dori então desceu da árvore e permitiu que Bilbo subisse em suas costas (TOLKIEN, 2012, p. 100).

Nessa passagem, nota-se o comprometimento da equipe. Isso fica evidente quando Dori, um dos anões, oferece ajuda a Bilbo e não desiste enquanto não salva o hobbit do perigo. O

mesmo tipo de atitude é observada, ao longo da obra, quando perdem Bilbo de vista e continuam a procurá-lo, afinal, o hobbit só estava nessa aventura por causa deles e para eles. Auxiliá-lo era o mínimo esperado deles, como retribuição, por respeito a Bilbo e a Gandalf. Bilbo não morava mais só, nem moradia tinha mais, enfim, o que se quer dizer com isso é que tudo o que fossem fazer deveriam fazer juntos. Isso incluía a hora de dormir. E como será que era no momento do descanso? Bom, isso é o que vamos descobrir agora.

Dormiam todos juntos, aconchegados um ao outro, revezando-se para montar guarda, e, quando era a vez de Bilbo, ele via clarões na escuridão ao redor e às vezes pares de olhos amarelos, vermelhos ou verdes observavam-no a distância, e depois lentamente se apagavam e desapareciam, para lentamente surgirem brilhando em outro lugar. [...] eram de um tipo horrível, pálido e bulboso. ‘Olhos de insetos’, pensou, ‘e não de animais’, só que são muito grandes (TOLKIEN, 2012, p. 138).

Dormiam todos juntos. Ainda bem! Pois, como podemos perceber, o perigo espreitava a companhia, mais uma vez. E era assim que viviam, um dia de cada vez, dormir quando e onde desse e, se tivessem que passar por adversidades, iriam superá-las juntos, como diz o lema: “um por todos e todos por um!”<sup>1</sup>

É preciso trabalho em equipe, pois bem, foi o que eles pensaram ao avistar o rio. Não demorou muito para que Bilbo visse um barco. Mas, e agora? O barco estava longe. Se entrassem na água, cairiam em um sono profundo. Como pensar no passo seguinte? Parece que, quando não se está só, é mais fácil encontrar uma solução, mas é preciso cooperação para que dê tudo certo. Vamos ao obstáculo e à resolução da situação:

– Vai com calma! – disse Bilbo. Agora você jogou o gancho bem no meio do mato do outro lado. Puxe com cuidado. – Fili puxou a corda devagar, e, depois de algum tempo, Bilbo disse: Cuidado! Já está no barco; tomara que enganche. Enganchou. A corda ficou tesa, e Fili puxou em vão. Kili veio ajudá-lo, e depois Oin e Gloin. Puxaram e puxaram, e de repente todos caíram para trás. Mas Bilbo estava atento, pegou a corda e com um pedaço de galho desviou o pequeno barco preto no momento em que vinha veloz pela correnteza. – Socorro! – gritou, e Balin chegou bem na hora para agarrar o barco antes que ele flutuasse correnteza abaixo (TOLKIEN, 2012, p. 140-141).

Quanta adrenalina, só de imaginar essa cena! Imagine como foi essa aventura eletrizante para os envolvidos. Mais uma vez, a trupe só conseguiu contornar o obstáculo graças ao empenho de todos. Bilbo dando provas de seu comprometimento e de atenção, os anões apoiando e fazendo cada um o que podia para saírem daquela situação.

Engana-se quem pensa que essa foi a última vez que houve trabalho em equipe e cooperação. No decorrer da jornada, Bilbo reinventou-se, ou melhor, transformou-se e, dessa forma, passou a compreender melhor o que significava cooperar. Os anões também aprenderam muito com Bilbo e passaram a respeitá-lo mais, como vimos no capítulo anterior. Por que se diz isso? Pois bem, para responder essa pergunta, nada melhor do que dar a palavra a quem entende de transformação. Assim, todos ganharam com a aventura.

1 Famosa frase da obra “Os três Mosqueteiros”, de Alexandre Dumas 1809 - 1870.

A vida desenvolve-se à medida que as pessoas criam um mundo para si mesmas. Essa visão, parafraseando conceitos de Buber, de 1937, também se move com frequência do 'sendo' para o 'tornando-se', isto é, a personalidade saudável exibe um movimento efetivo em direção à autossatisfação. Além disso, a abordagem humanista adota a ideia existencial de que a nossa vida parte particularmente de nossas relações com outros seres humanos (FRIEDMAN; SCHUSTACK, 2004, pág. 305).

Como Friedman e Schustack (2004) destacam, no que diz respeito à abordagem humanista de Buber, a evolução e o amadurecimento só ocorrem quando interagimos com o outro, portanto, os anões e Bilbo estavam se movendo do "sendo" para o "tornando-se", ou seja, aprendendo a serem melhores, a conviverem com o diferente e, com isso, ambos os lados se beneficiaram, por meio da interação, à medida que os obstáculos foram sendo contornados e vencidos.

Venceram um obstáculo após o outro. A tranquilidade durava pouco, mas, como lembra Tolkien: "é estranho, mas as coisas boas e os dias agradáveis são narrados depressa, e não há muito o que ouvir sobre eles [...]" (2012, p. 50), e também não há muito o que falar sobre cooperação e adversidade, não é mesmo? Mas, por falar nisso, qual será o próximo desafio? Como será que todos se saíram?

– A chave! – gritou Bilbo. – a chave que acompanhava o mapa! Tente agora enquanto ainda há tempo! Então Thorin aproximou-se e tirou do pescoço a corrente que prendia a chave. Colocou-a no buraco. Serviu e girou! Snap! O brilho se apagou, o sol sumiu, a lua se foi e a noite tomou conta do céu. Agora todos empurraram juntos e, lentamente, uma parte da muralha rochosa cedeu. Fendas longas e retas surgiram e foram se alargando. Uma porta de cinco pés de altura e três de largura foi se desenhando e, devagar, sem nenhum ruído, abriu-se para dentro (TOLKIEN, 2012, p. 206).

Mais uma vez, Bilbo, com calma e raciocínio rápido, guiou os anões, para todos juntos abrirem o portal. Isso demonstra que, mesmo discordando uns dos outros, discutindo e de, por vezes, esperarem demais de Bilbo e desejarem que ele resolvesse todos os problemas, os anões ainda pensavam no coletivo e, quando fosse preciso, todos cooperariam para realizar as tarefas, não importando se fosse Thorin ou qualquer outro a guiar o grupo.

É claro que houve cooperação, mas, também, houve momentos em que os anões, por medo, falta de vontade, enfim, por vários motivos, não se voluntariaram com tanta facilidade, apenas um deles se oferecia para ajudar Bilbo. Um dos que ajudou e acompanhou o hobbit, foi Balin, que, como Tolkien nos conta, gostava muito de seu companheiro de jornada. Vamos, então, à cena:

Bilbo não esperava um coro de voluntários, e por isso não ficou desapontado. Fili e Kili pareciam incomodados e hesitaram, mas os outros nem fingiram se oferecer: exceto o velho Balin, o sentinela, que gostava bastante do hobbit. Disse que pelo menos entraria e talvez fizesse um pouco do caminho, pronto para chamar por socorro se necessário (TOLKIEN, 2012, p. 208).

E lá se foram os dois. Balin ficou fazendo a guarda, enquanto Bilbo fazia a pior parte do serviço: entrar na caverna do dragão. Ainda bem que dessa o hobbit escapou e foi recebido com muita alegria e admiração pelos companheiros. Muito justo, já que tinha se arriscado, e muito, por eles. Mas há de se falar em momentos de consolo, pois, ao consolar, estamos cooperando e dando

suporte à pessoa que está aflita e triste. Isso aconteceu com Bilbo, em um momento de tristeza, quando ele voltou da conversa com o dragão, todo chamuscado e, de certa forma, arrependido por ter dado tantas pistas e informações à terrível criatura. “-Bem, bem! Isso não se pode remediar, e é difícil não se trair conversando com um dragão ou, pelo menos, é o que ouvi dizer - disse Balin, ansioso por consolá-lo. - Se quer saber, acho que fez um ótimo trabalho” (TOLKIEN, 2012, p. 223).

Logo viram mais perigo pela frente, dessa vez foi Bilbo que pediu socorro. Será que os anões vão vir em seu auxílio, para salvá-lo? Não é possível que deixarão o hobbit sozinho, desamparado. A resposta à súplica do Sr. Hobbit está na citação que segue.

Esperaram um ou dois instantes e ainda não ouviam ruídos de dragão; na verdade, não ouviram som nenhum, exceto a voz distante de Bilbo. - Venha, algum de você, arranje mais uma ou duas luzes! – ordenou Thorin. – Parece que temos que socorrer nosso ladrão.

– Agora é nossa vez de ajudar – disse Balin –, e estou disposto a ir. De qualquer modo, espero que não haja perigo, por enquanto.

Gloin acendeu várias outras tochas, e então todos saíram, um por um, e caminharam junto a parede, tão rapidamente quanto podiam. Não demorou muito para encontrarem o próprio Bilbo vindo em sua direção. Havia recuperado a calma assim que vira a luz das tochas (TOLKIEN, 2012, p. 231).

Olsen (2012, p. 180-181) destaca que, apesar de serem inconstantes e um pouco medrosos, os anões demonstram amizade e comprometimento com Bilbo no decorrer da narrativa. Claro, como já fomos informados, no início da aventura, não viam o Sr. Bolseiro como um igual, muito menos como um ladrão, mas, conforme o hobbit aventureiro despertou, amadureceu e começou a ficar mais confiante, eles foram criando um laço de amizade e respeito com ele.

Embora continuem sendo tolos e inconstantes, também vemos alguns momentos positivos, que sugerem que coisas boas ainda podem ser esperadas dos anões. A primeira é a afeição que Balin demonstra por Bilbo. [...]. O segundo exemplo é o primeiro momento real de liderança de Thorin. [...] Ele assume o comando dos anões e os coloca em ação para salvarem a si e aos outros companheiros, mas também ordena que Bilbo, Fili, Kili e Balin entrem no túnel, proclamando: ‘O dragão não vai nos pegar a todos.’ Pelo jeito Thorin é capaz tanto de uma ação decisiva como de colocar os outros diante de si (OLSEN, 2012, p. 180-181).

Como podemos perceber, a relação deles evoluiu muito até o final da aventura e vínculos foram estabelecidos entre os aventureiros. Sabe-se que os anões não eram perfeitos, exímios aventureiros, prontos para o perigo, pelo contrário, tinham suas limitações, tanto quanto Bilbo. Thorin era o líder, mas, muitas vezes, aceitou as palavras de Gandalf e de Bilbo, todavia, quando solicitado, assumia o comando e organizava as ações da trupe, conforme nos lembra Olsen (2012), no trecho acima e, em outros momentos da jornada, como, por exemplo, quando Bilbo pediu socorro na caverna e Thorin liderou os anões na busca pelo hobbit. Não se pode deixar de mencionar a presteza de Balin, que era muito amigo do hobbit, ao dizer que “agora era a hora deles ajudarem Bilbo”. Tanto Thorin quanto Balin foram líderes nessa situação.

As provas foram muitas. Os momentos de tranquilidade foram pouquíssimos, diga-se de passagem. O que restou de positivo dessa jornada para ambos? Pode-se dizer que os dois lados ganharam. Tanto Bilbo quanto os anões aprenderam a celebrar as diferenças e, de acordo com Olsen (2012), passaram a ver o mundo de outra forma.

Ao dizer adeus, Bilbo e seus amigos trocam convites. ‘Se chegar a nos visitar de novo, quando nossos salões mais uma vez forem belos, então o banquete será realmente esplêndido’, eles afirmam. Agora, Bilbo se sente em casa nesse mundo, um convidado de honra para um rico banquete, nos salões restaurados, resplandecentes do novo Rei sob a Montanha. ‘Se alguma vez passarem por meu caminho, Bilbo responde, ‘não hesite e bater na porta! O chá é servido às quatro, mas qualquer um de vocês será bem-vindo a qualquer hora.’ [...] A Colina e a Montanha podem estar nos pólos opostos da jornada de Bilbo, mas não são mais incompatíveis em sua perspectiva (OLSEN, 2012, p. 231).

Essa jornada foi crucial para a evolução de Bilbo e dos anões, uma vez que precisaram do apoio uns dos outros, tiveram que aprender a respeitar as diferenças culturais e de personalidade de cada um. Apesar do final ter sido triste, com muitas perdas durante a batalha dos cinco exércitos, notou-se em ambos, anões e Bilbo, o amadurecimento, o respeito e o sentimento de amizade, que foi alimentado e fortalecido graças a Gandalf, ao convívio diário e aos obstáculos enfrentados por eles. E qual foi o sentido dessa jornada inesperada em que o Sr. Bolseiro se envolveu? Para um hobbit alheio a aventuras, ao mundo além de sua realidade, a aventura trouxe um novo Bilbo, que se tornou um bom ouvinte, um companheiro com olhar atento e pronto para auxiliar seus companheiros e, quando fosse preciso, os anões estariam dispostos a ajudá-lo também. Em grupo, eles celebraram, passaram por dificuldades, ampararam uns aos outros, em momentos de tristeza, cansaço e dúvida. Pode-se dizer que os ensinamentos e as experiências adquiridos ao longo da jornada valeram mais do que todo o ouro e riqueza divididos entre os integrantes da inimaginável aventura rumo à caverna de Smaug.

## Considerações Finais

Essa aventura, mesmo com todas as perdas durante a batalha dos cinco exércitos, valeu muito mais do que toda a prata, ouro, diamantes e muitas outras peças preciosas recuperadas pelos anões, com a ajuda de Bilbo, é claro. Foi um caminho de amadurecimento, de aprendizagem, recepção e acolhida do diferente, no qual as diferenças culturais foram deixadas de lado. Percebeu-se a importância dos relacionamentos, das amizades construídas pelo caminho. Sem formar laços, sem o diálogo, as duas partes não teriam ido muito longe e não teriam visto o mundo com o olhar do outro.

Anões e Bilbo tornaram-se amigos. Esse é o verdadeiro sentido da jornada inesperada em que o sr. Bolseiro se envolveu, aprender a respeitar, a ouvir e a entender, porque, sem isso, a jornada teria sido um caos. Cooperar é muito importante, pois, sem o outro, não é possível seguir em frente. É sem sentido ser e estar nesse mundo sozinho. Se não há com quem compartilhar as conquistas, tampouco, é possível confortar-se diante da dor e da tristeza, como bem vimos até aqui.

Este é um dos diversos olhares interiores que a obra de Tolkien, dos anões, de Bilbo, de Gandalf e das demais personagens dessa aventura de “arrepiar os cabelos dos dedos dos pés”, de um simples hobbit e nossos também, possibilita, pois estamos vivendo e experienciando os desafios desse mundo em conjunto, em uma contínua parceria, às vezes, com êxito e, em outras, nem tanto. Cair, perder, sofrer, lamentar, respirar fundo, levantar-se e seguir rumo ao próximo desafio é o que nos traz emoção, nos amadurece e nos torna fortes. Sem obstáculos, dificuldades e falhas, como seria nossa história, nossa narrativa? E, sem os encontros ao longo do caminho, nossa jornada teria valido a pena?

Podemos pensar que estamos sozinhos, por alguns momentos, mas mesmo quando sozinhos, carregamos algo do outro em nós.

## Referências

FRIEDMAN, Howard S.; SCHUSTACK, Miriam W. *Teorias da Personalidade: da teoria clássica à pesquisa moderna*. 2 ed. Pearson/Prentice Hall, 2004.

KNEPP, Dennis. Bilbo Bolseiro: *O Hobbit cosmopolita*. BASSHAM, Gregory; BRONSON, Eric (Org.). In:Dennis. **O Hobbit e a Filosofia**. Rio de Janeiro: BestSeller, 2012, p. 53-66.

KRAUS, Joe. *Lá e de volta outra vez: Um canto de inocência e experiência*. In:KRAUS, Joe **O Hobbit e a Filosofia**. BASSHAM, Gregory; BRONSON, Eric (Org.). Rio de Janeiro: BestSeller, 2012, p. 247-260.

OLSEN, Corey. *Explorando o universo do Hobbit: todos os significados da história de Bilbo, Elfos e a terra média*. São Paulo. Lafonte, 2012.

TOLKIEN, John Ronald Reuel. **O Hobbit**. 5 ed. São Paulo. Editora WMF Martins Fontes, 2012.

Recebido em: 13 de agosto de 2021.

Aceito em: 21 de março de 2022.